

Educação em saúde com estudantes sobre autocuidado e Infecções Sexualmente Transmissíveis

Health education with students about self-care and Sexually Transmitted Infections

Educación en salud con estudiantes sobre autocuidado e Infecciones de Transmisión Sexual

Layane da Silva Lima¹, Marcelino Maia Bessa², Ivson dos Santos Gonçalves², Karina Morais Moura², Matheus Fernandes Carvalho³, Josefa Jamilla Martins Alves², Mônica Silva de Bessa², Clara Rittmeyer Ruiz¹, Rodrigo Jacob Moreira de Freitas², Keylane de Oliveira Cavalcante⁴.

RESUMO

Objetivo: Relatar a experiência vivenciada numa ação educativa sobre autocuidado e Infecções Sexualmente Transmissíveis com estudantes universitários. **Relato de experiência:** Este estudo foi oriundo da vivência de uma educação em saúde com estudantes de um curso superior de uma universidade do interior do nordeste brasileiro. As atividades foram planejadas a partir do referencial teórico proposto pelo Arco do diagrama, do Método do Arco de Maguerez, apresentado por Bordenave e Pereira e da Teoria de Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva (TIPESEC). A intervenção consistiu na atividade com o título “Árvore dos Prazeres” e foi dividida em três momentos. Foram distribuídas folhas de coloração distinta, fazendo alusão aos prazeres, riscos e proteção. Após montar a árvore, os alunos retiraram do caule afirmativas de acordo com as temáticas apresentadas para discussão. Por fim, foi confeccionado maçãs ilusórias que continham perguntas sobre o tema, os alunos julgaram-nas como corretas ou não, avaliando, assim, se houve aprendizado. **Considerações finais:** a educação popular em saúde é uma ferramenta crucial para os profissionais de enfermagem, pois permite articular o conhecimento popular e científico no intuito de contribuir para a melhoria da qualidade de vidas dos sujeitos, promovendo o diálogo entre profissionais da saúde e sociedade.

Palavras-chave: Educação da População, Autocuidado, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Estudantes, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To report the experience lived in an educational action on self-care and Sexually Transmitted Infections with university students. **Experience report:** This study came from the experience of health education with students from a higher education course at a university in the interior of northeastern Brazil.

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB.

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros - RN.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Caicó - RN.

⁴ Universidade Potiguar (UNP), Mossoró – RN.

The activities were planned based on the theoretical framework proposed by the Arch of the diagram, the Arch Method of Maguerez, presented by Bordenave and Pereira and the Theory of Practical Intervention in Nursing in Collective Health (TIPESEC). The intervention consisted of the activity entitled "Tree of Pleasures" and was divided into three moments. Sheets of different colors were distributed, alluding to pleasures, risks and protection. After assembling the tree, the students removed statements from the stem according to the themes presented for discussion. Finally, illusory apples were made that contained questions on the subject, the students judged them as correct or not, thus evaluating whether there was learning. **Final considerations:** popular health education is a crucial tool for nursing professionals, as it allows articulating popular and scientific knowledge in order to contribute to improving the quality of life of subjects, promoting dialogue between health professionals and society.

Keywords: Population Education, Self-Care, Sexually Transmitted Diseases, Students, Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Relatar la experiencia vivida en una acción educativa sobre el autocuidado y las Infecciones de Transmisión Sexual con estudiantes universitarios. **Informe de experiencia:** Este estudio surgió de la experiencia de educación en salud con estudiantes de un curso de enseñanza superior de una universidad del interior del nordeste de Brasil. Las actividades fueron planificadas con base en el marco teórico propuesto por el Arco del diagrama, el Método Arco de Maguerez, presentado por Bordenave y Pereira y la Teoría de la Intervención Práctica en Enfermería en Salud Colectiva (TIPESEC). La intervención consistió en la actividad titulada "Árbol de los Placeres" y se dividió en tres momentos. Se repartieron láminas de diferentes colores, aludiendo a los placeres, los riesgos y la protección. Después de ensamblar el árbol, los estudiantes extrajeron declaraciones del tallo de acuerdo con los temas presentados para la discusión. Finalmente, se elaboraron manzanas ilusorias que contenían preguntas sobre el tema, los estudiantes las juzgaron como correctas o no, evaluando así si hubo aprendizaje. **Consideraciones finales:** La educación popular en salud es una herramienta fundamental para los profesionales de enfermería, ya que permite articular saberes populares y científicos para contribuir a mejorar la calidad de vida de los sujetos, promoviendo el diálogo entre los profesionales de la salud y la sociedad.

Palabras clave: Educación de la Población, Autocuidado, Enfermedades de Transmisión Sexual, Estudiantes, Enfermería.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) têm como patógenos mais de 30 agentes etiológicos (vírus, bactérias, fungos e protozoários; sendo o contato sexual (oral, vaginal, anal e de forma eventual por via sanguínea) a principal via de transmissão, por meio do contato sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada (SPINDOLA T, et al., 2021).

Atualmente, é crescente a estatística de jovens acometidos por IST's. De acordo com o Ministério da Saúde a cada ano estima-se a ocorrência de 937.000 novos casos de sífilis; 1.541.800 de gonorreia; 1.967.200 de clamídia; 640.900 de herpes genital e 685.400 de Papiloma vírus humano (HPV). Isso vem sendo relacionado à coitarca precoce, a não adoção do uso do preservativo, falta de conhecimento e comunicação, condições socioeconômicas e diferença de gênero, configurando-se assim um sério problema de saúde pública (BRASIL, 2016; OLIVEIRA OS, et al., 2018).

Não obstante, o ingresso do jovem na educação superior implica mudanças de comportamento, inclusive nas relações sexuais, devido está inserido em outra realidade bem distinta de seu cotidiano e dos seus relacionamentos, novas amizades, ambiente e atividades diferenciadas. Assim, contribuindo para oportunizar aproximação com outros modos de viver a vida (SPINDOLA T, et al., 2019).

Não obstante, literatura traz como um dos principais desafios para superação dessa problemática a reflexão e modificação o comportamento de risco destes, pois muitas vezes os jovens não estão atentos ao

risco de infecção e não adotam medidas protetoras. E, partindo do preceito que as IST's são passíveis de prevenção, a Educação Popular em Saúde (EPS) surge como uma importante estratégia de contribuição pois traz a possibilidade de transformar práticas de saúde, individuais e coletivas, fortalecendo saberes prévios e desfazendo mitos e tabus, promovendo também a autonomia e proporcionando melhor qualidade de vida do indivíduo (RIZZON BB, et al., 2021; CARVALHO MF, et al., 2022).

Nesse sentido, cabe aos profissionais de Enfermagem utilizar a EPS, principalmente nesta temática, como estratégia para a formação e o desenvolvimento de novos comportamentos e o empoderamento dos grupos, para que se tornem sujeitos mais críticos e conscientes das suas ações. Assim, abrindo canais de comunicação com os jovens para contribuir com o fortalecimento da autonomia e do autocuidado por práticas sexuais mais seguras. Dessa forma, este estudo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada numa ação educativa sobre autocuidado e Infecções Sexualmente Transmissíveis com estudantes universitários.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo do tipo de relato de experiência, proposto pelo componente curricular Estágio Curricular Supervisionado II, do curso de graduação em enfermagem, de uma universidade do interior do Nordeste. Para a concretização deste, foi realizada uma captação da realidade nos cursos da universidade, a qual uma turma foi selecionada para receber a ação educativa.

As atividades foram planejadas a partir do referencial teórico proposto pelo Arco do diagrama, do Método do Arco de Maguerez, apresentado por Bordenave e Pereira e da Teoria de Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva (TIPESC), construída por Egly (BORDENAVE JD e PEREIRA AM, 1991; EGRY EY, 1996).

O percurso metodológico segue da observação da realidade, que consiste na forma estrutural, particular e singular; interpretação da realidade objetiva; pontos-chave, teorização, reinterpretação da realidade, hipótese de solução e aplicabilidade. Pautados nestas estratégias, os alunos quando se inseriram na universidade, partiram da observação da realidade, identificando as necessidades sociais e de saúde, sendo posteriormente, elencado quais guariam o desenvolvimento da investigação (BORDENAVE JD e PEREIRA AM, 1991; EGRY EY, 1996).

A segunda etapa consistiu em refletir sobre os possíveis determinantes e condicionantes que permeavam o problema eleito, traçando os principais pontos-chave do estudo. A terceira etapa referiu-se ao momento de análise dos pontos-chave elencados na perspectiva de responder a situação-problema, compondo assim o processo de teorização. Por fim, a quarta etapa destinou-se à elaboração das hipóteses de solução ou reinterpretação da realidade para construção de uma proposta de intervenção no problema e, em seguida, sua aplicação, como um retorno do estudo à realidade investigada. Dessa forma, vivenciou-se um momento de construção crítica que possibilitou aos alunos a captação das relações sociopolíticas, econômicas e ambientais no processo de formação (BORDENAVE JD e PEREIRA AM, 1991; EGRY EY, 1996).

Assim, diante as problemáticas identificadas e conforme análise e discussão, elencou-se a temática do "Autocuidado e IST's" no contexto universitário. A intervenção foi realizada com estudantes de uma universidade do interior do Nordeste. Para a realização da atividade foram utilizadas algumas metodologias ativas.

De início, a primeira etapa da intervenção consistiu na atividade com o título "Árvore dos Prazeres" e foi dividida em três momentos. Primeiramente foi passado uma caixa com folhas alusivas às de árvores, confeccionadas em 3 cores distintas (vermelho, amarelo e verde). Os alunos pegaram uma folha na cesta e se apresentaram.

Dentre as folhas, tinham apenas uma de cada cor em destaque. O aluno que pegasse a folha vermelha destacada, falaria sobre seu entendimento de prazer; o aluno que pegasse a amarela, falaria sobre riscos; e a verde, proteção. Dando chances, nessa primeira etapa, a fala de três alunos. Os demais, com as folhas em mãos, formaram 3 grupos com aqueles participantes que possuem as folhas com cores iguais.

Com os grupos formados, o representante de cada grupo se dirigiu até o caule da árvore com algumas folhas em mãos e voltavam com frases ou palavras que faziam referência aos vieses elencados inicialmente (a representação dos esses prazeres afetivos humanos; riscos que alguns desses prazeres podem acarretar para o ser humano; e, por fim, o que consideram que proteja o ser humano dos possíveis riscos que os prazeres possam trazer).

Neste caule havia afirmativas que norteavam a discussão entre os participantes e os facilitadores, sendo eles com maior norteamento científico, levando em consideração a valorização das falas populares. Assim, esse momento foi finalizado com a árvore dos prazeres montada e discutida.

Por fim, foi confeccionado maçãs ilusórias e em cada uma delas haviam perguntas de situações que remetiam aos prazeres, riscos e proteção. Ao serem lidas, estas foram identificadas e coladas na árvore de acordo os seus respectivos significados. Então, os alunos discutiram sobre, julgando tais perguntas como verdadeiras ou falsas, avaliando, assim, se houve aprendizado.

DISCUSSÃO

Apesar da intervenção ter sido realizada em um ambiente no qual há o incentivo e estímulo a discussões mais abertas, ainda se encontrou uma resistência para falar de forma mais natural e espontânea. Notou-se o desconforto para falar sobre a sexualidade, mesmo sendo uma demanda apresentada por eles próprios. Além disso, foi visto a ocorrência dos mitos, os quais ainda permeiam muitas falácias acerca dos hábitos sexuais. Aspectos como, “sexo na água não contrai IST’s”, “durante a menstruação não precisa utilizar preservativo”, “sexo oral dispensa camisinha”.

A ocorrência de tabu, resistência e mitos pode ser explicado como resultado marcado no ambiente familiar, no qual o diálogo é muito restrito. Não há abertura em casa, bem como, socialmente e culturalmente falando. O tabu é composto por medo de sofrer represálias ao se falar de tal assunto, ou até mesmo compartilhar ideias e/ou experiências repletas de sentimentos, também, de vergonha ou julgamento àqueles que buscam quebrar mais esses estigmas (GARBARINO MI, 2021).

Embora o curso cuja atividade foi trabalhada tenha sido um da área da saúde, o conhecimento que se esperava encontrar na turma ainda foi limitado. Isso nos mostra a importância de se trabalhar temáticas como essa de forma ampla e compreendendo a sua complexidade sem estereotipar conhecimentos pré-existentes, pois, muitas vezes são informais e construídos majoritariamente fora dos muros da universidade, culminando em limitar-se a reprodução de equívocos (BESSA MM e FREITAS RJM, 2021).

Esse dado também é trabalhado por Spindola T, et al. (2018), os quais os resultados evidenciaram a falta de conhecimento de jovens universitários da área da saúde sobre IST’s, mostrando a vulnerabilidade social e seu impacto no cuidado na saúde e a vulnerabilidade programática, ou seja, mesmo diante do ensino superior, o conhecimento não é satisfatório acerca sobre IST’s, revelando a urgência de atividades educativas com essa população.

Dentro deste contexto, a discussão sobre essa problemática articulado com a utilização de metodologias ativas surge como uma importante ferramenta utilizada para a educação popular em saúde, instigando assim a construção crítica e libertadora do conhecimento do indivíduo como um ser democrático. Dessa forma, esta proporciona o trabalho de elementos da vivência do ser, possibilitando uma reconstrução do saber (ASSUNÇÃO AA, 2021).

Então, permitir uma discussão que elenca acontecimentos reais e, por eles, conduzir uma ressignificação da temática de forma ativa e participativa, fundamentada em conhecimentos científicos, possibilita resultados mais palpáveis neste tipo de intervenção.

Pode-se acentuar ainda a crucialidade do uso de tais metodologias, por não se ter registrado momento de dispersão na turma, e apesar do bloqueio inicial tomado pela vergonha de participar, com o passar do tempo e pela construção de confiança, a riqueza de informações, relatos e indagações foi tomado pela atividade. Isso, nos faz pensar sobre a valorização do modo de educação horizontalizada pregada por Paulo Freire, em

que o desenvolvido da construção do conhecimento se dá por meio de uma relação em níveis iguais de posicionamento professor-aluno, em que a educação parte dos saberes já pertencentes aos indivíduos, reforçando o empoderamento, o que nessa perspectiva ressalta a importância da educação problematizadora, que, por sua vez, impulsiona à libertação, revelando reflexão sobre a realidade (FREIRE P, 2005).

Tendo em vista isso, encontrou-se como desafio realizar uma atividade com essa temática que contemplasse as diversidades, que muitas vezes ficam implícitas no decorrer do debate. Andres SS, et al. (2015), exibem em seu relatório que há uma maior abordagem e estudo nos últimos anos sobre gênero, sexualidade e orientação sexual, principalmente no que se refere a formação profissional.

Entretanto, este foi um ponto que se viu como limitação nessa atividade, pois até mesmo na literatura visitada se apresentavam ideais que sempre tendiam para a heteronormatividade, deixando uma lacuna problemática no que concerne a preocupação de construir atividades que atinjam as necessidades atuais dos indivíduos jovens por meio da educação popular em saúde.

Não obstante, cabe destacar que atualmente as discussões sobre transmissão de infecções através do sexo ganharam, inegavelmente, mais espaço. Por outro lado, a abertura e reconhecimentos, da diversidade no que se refere a identidade de gênero e orientação sexual também ganharam maior proporção.

Isso, pode ser confirmado ao passo que Gomes R, et al. (2018), discutem uma série de aspectos e conquistas históricas de direitos políticos e sociais que fortalecem o movimento LGBTQ+, como o reconhecimento da homossexualidade de uma condição não patológica, processo de criminalização da homofobia e aceitação da união homoafetiva estável como entidade familiar.

Dessa maneira, muitas vezes as discussões de elementos que envolvem a saúde do indivíduo perante suas práticas sexuais, tendem a uma configuração engessada e pré-determinada, na qual as particularidades perecem. Como efeito disso, a vulnerabilidade de pessoas com identidades e corpos não-normativos é acentuada acerca do seu processo de adoecimento nesse aspecto. A partir disso, pode-se observar lacunas em atividades de educação que de fato proporcionem a prevenção, promoção e/ou a recuperação da saúde deveras universais, equânimes e integrais, como preconiza o SUS.

A educação popular em saúde permite adentrar em um cenário novo e desafiador. A troca de saberes, o saber ouvir o outro, é fundamental para que as atividades consigam ter os objetivos propostos alcançados, e mais que isso, cruzar o conhecimento popular e científico no intuito de melhorar a qualidade de vidas das pessoas, promovendo o diálogo entre profissionais da saúde e sociedade (CRUZ PJS, et al., 2020).

Dessa forma, é de grande valia para todas as pessoas envolvidas nesse processo, o qual teve a oportunidade de construir e moldar novas perspectivas acerca da temática discutida. Principalmente para a prática da enfermagem, pois permite aproximar da realidade vivenciadas pelos universitários, e conseqüentemente acrescenta positivamente nas habilidades e competências de desenvolver educação popular em saúde.

Por fim, pode-se observar o déficit de conhecimento dos jovens em relação às IST e os seus modos de transmissão, o que interfere diretamente na prevenção desses agravos. Assim é recomendável que sejam realizadas práticas educativas nas instituições de ensino, em especial nas universidades, para contribuir com o esclarecimento desse grupo e minimizar os riscos à saúde dos jovens e exposição às infecções transmitidas pelo sexo.

Como limitações enfrentadas, tem-se a necessidade de um maior aprofundamento sobre temáticas que envolvam a sexualidade as quais possam levar em consideração as diversidades, discussões de gênero e orientação sexual para que todos os indivíduos presentes nas atividades se sintam contemplados e que, ao mesmo tempo, possam contribuir com suas próprias experiências sem que sejam julgadas e reprimidas. Como sugestão, acrescenta-se que a necessidade de criação de projetos para a realização de atividades educativas como essa, que se façam autocríticas considerando essas vertentes nos momentos, tanto de construção da metodologia, quanto ao embasamento teórico para tais ações.

REFERÊNCIAS

1. ANDRES SS, et al. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (UFMS). *Revista de Educação Física/UEM*, 2015; 26(2): 167-179.
2. ASSUNÇÃO AÁ. Metodologias ativas de aprendizagem: práticas no ensino da Saúde Coletiva para alunos de Medicina. *Rev bras educ med.*, 2021; 45(3).
3. BESSA MM e FREITAS RJM. Representações sociais de estudantes sobre o HIV/Aids: revisão integrativa. *Rev. Enferm. Atual In Derme*, 2021; 95(33): e-021010.
4. BORDENAVE JD e PEREIRA AM. *Estratégias de ensino aprendizagem*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
5. CARVALHO MF, et al. Educação popular em saúde sobre climatério e menopausa: um relato de experiência. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 2022; 8(4): 1358–1368.
6. CRUZ PJSC, et al. Educação Popular e Saúde nos processos formativos: desafios e perspectivas. *Interface (Botucatu)*. 2020; 24: e200152
7. EGRY EY. *Saúde coletiva: construindo um novo método em enfermagem*. São Paulo: Ícone, 1996.
8. FREIRE P. *Pedagogia do oprimido*. 42a ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 2005.
9. GARBARINO MI. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. *cadernos pagu*, 2021: e216316.
10. GOMES R, et al. Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. *Ciênc. Saúde coletiva*, 2018; 23(6):1997-2006.
11. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. *Boletim Epidemiológico HIV/Aids*. Brasília; 2016.
12. OLIVEIRA PS, et al. Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária. *Rev enferm UFPE on line*, 2018; 12(3): 753-62.
13. RIZZON BB, et al. Comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio. *Femina*, 2021; 49(1): 52-7
14. SPINDOLA T, et al. Jovens universitário e o conhecimento acerca de infecções sexualmente transmissíveis. *Escola Anna Nery*, 2018; 22(2).
15. SPINDOLA T, et al. Práticas Sexuais, Conhecimento e Comportamento dos Universitários em Relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. *R. pesq. Cuid. Fundam. Online*, 2019; 11(5): 1135-41.
16. SPINDOLA T, et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciênc saúde coletiva*, 2021; 26(7).